

Memórias de migrantes rurais da Zona da Mata Mineira

Rural migrants' memories from Zona da Mata of Minas Gerais

Isadora Moreira Ribeiro

Doutoranda em Extensão Rural
Universidade Federal de Viçosa
isadora.moreiraribeiro@gmail.com

Sheila Maria Doula

Doutora em Antropologia Social
Universidade Federal de Viçosa
sheiladoula@gmail.com

Marco Paulo Andrade

Mestre em Extensão Rural
Universidade Federal de Viçosa
andrade.marcop@gmail.com

João Paulo Louzada Vieira

Mestre em Extensão Rural
Universidade Federal de Viçosa
joaopaulo.direito@yahoo.com.br

Jeferson Henrique dos Reis Lopes

Graduando em Cooperativismo
Universidade Federal de Viçosa
jeferson.h.lopes@gmail.com

Recebido em: 06/06/2019

Aprovado em: 11/11/2019

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar as narrativas de migrantes rurais da Zona da Mata de Minas Gerais, atentando-se para as alterações e permanências nos conteúdos narrados, a partir de um enfoque na temporalidade. Com base no histórico da inter-relação campo-cidade, utilizam-se referenciais teóricos que permitem considerar a memória como potência que aciona o cruzamento entre tempo e espaço na experimentação do presente e na projeção do futuro. A abordagem metodológica é de caráter qualitativo, compondo-se o *corpus* de 12 entrevistas realizadas com migrantes da microrregião de Viçosa, cujos conteúdos são analisados em termos do que é lembrado e de como é lembrado. Os resultados ressaltam a especificidade do trabalho na mobilização das migrações campo-cidade, destacando-se a família como núcleo basilar dos movimentos narrativos da recordação.

Palavras-chave: Migrações; Memória; Rural.

Abstract: This work aims to analyze the migrants' narratives from Zona da Mata of Minas Gerais, taking into account the changes and continuities in the narrated contents, considering the temporality. Based on the history of the country-city connection, theoretical references which allow us to consider memory as the potency that drives the intersection between time and space in the experimentation of the present and the projection of the future are used. The methodological approach developed is of a qualitative nature, with the *corpus* being composed of 12 interviews with migrants from Viçosa's micro region, which contents are analyzed in terms of what is remembered as well as how it is remembered. The results emphasize the specificity of the work in the mobilization of the rural-urban migrations, highlighting the family as the basilar nucleus of the memory narrative movements.

Keywords: Migrations; Memory; Rural.

Introdução

As noções de campo e cidade, construídas em inter-relação, inscrevem-se em distintas áreas de estudo, ancoradas em abordagens materiais e simbólicas. No contexto de mobilidade que caracteriza as variações temporais da percepção desses espaços, as representações literárias e históricas ilustram os enquadramentos diversos que se constituíram no entorno do rural e do urbano, como salienta Williams (2011). Por meio da observação das estruturas de sentimento que perpassam as narrativas de escritores ingleses, o autor descreve o processo de transformação social iniciado com a Revolução Industrial, demarcando a transição de uma sociedade agrária para a industrial, o que não se restringiu à Inglaterra.

Nesse percurso analítico, Williams (2011) reconhece, de início, uma identificação bucólica do campo, carregada de valores morais e ideais sobre a natureza. Essa visão mítica se intensifica com o avanço da industrialização e, em meio à política imperialista, a relação campo-cidade se internacionaliza, prevalecendo a ideia de que o rural tende a se urbanizar, o que consolida uma imagem nostálgica vinculada ao campo. Com isso, o autor indica que o eixo se desloca no sentido subdesenvolvimento-desenvolvimento, o que assinala a especificidade rural dos países outrora colonizados. Logo, “no campo e na cidade, fisicamente presentes e substanciais, a experiência encontra um material que corporifica os pensamentos” (WILLIAMS, 2011, p. 475), o que sugere a importância do espaço, do tempo e da memória como mediadores na visualização das relações que se tecem no circuito rural-urbano.

Pelo ângulo do processo de colonização, Freyre (2003, p. 79) assinala que a formação social brasileira se baseou numa estrutura agrária, caracterizada “pela base agrícola e pela permanência do colono na terra”, donde resulta a centralidade do núcleo familiar rural como

unidade produtiva do sistema colonial. Associada à política de distribuição de terras empreendida pela Coroa Portuguesa, essa centralidade teve como consequência, além da concentração fundiária, o “equilíbrio de antagonismos”, percebido nas polaridades entre as culturas europeia e indígena, os senhores e os escravos, os grandes e os pequenos proprietários (FREYRE, 2003). O percurso histórico ressalta, portanto, um antagonismo entre a produção visando ao abastecimento dos centros urbanos europeus, em que se nota a posição rural das colônias, conforme apresenta Williams (2011), e a produção de destinação interna, reconhecível em sua conexão com as cidades em formação no Brasil.

No decorrer do processo de urbanização, marcadamente acelerado no Brasil e na América Latina como um todo, ainda que a prevalência administrativa das cidades tenha sido evidente, a subsistência de uma herança simbólica rural é discernível (FAVARETO, 2006). Ao êxodo rural que se intensifica na segunda metade do século XX, como decorrência do modelo de modernização politicamente adotado, corresponde uma superurbanização, geradora de grandes cidades que concentram os setores industriais de serviços, o que reforça a abordagem setorial do campo como espaço de produção agrícola (WANDERLEY; FAVARETO, 2013). Por consequência, Wanderley e Favareto (2013, p. 40) destacam que o meio rural brasileiro é caracterizado por índices de pobreza, por restrições “no que se refere ao acesso a bens, serviços e oportunidades de trabalho” e pela tendência de migração da população para as cidades.

Nesse sentido, os dados do censo demográfico revelam a inversão na correlação entre população rural e urbana, com o predomínio desta a partir dos anos 1970. Na região Sudeste, contudo, tal mudança proporcional já é patente na década de 1960 e, nacionalmente, o último levantamento quantitativo da população residente nos espaços rurais equivale a pouco mais de 15% do total recenseado (IBGE, 2010). À tendência estatística de redução da população rural cabe um contraste, porém, com os critérios adotados para a delimitação territorial, mantidos desde os anos 1930, como parte do ideário desenvolvimentista de urbanização, pelos quais todas as sedes de municípios e distritos são consideradas regiões urbanas (VEIGA, 2003). Acrescentam-se, ainda, vertentes de estudo que sugerem um processo de “renascimento do rural” ou de nascimento de uma “nova ruralidade” na passagem do século XX para o século XXI (VEIGA, 2006), as quais retomam, de certa forma, a identificação entre campo e natureza.

Na dinâmica dos fluxos migratórios, a mudança no sentido dos deslocamentos para o meio rural particulariza essa inclinação à retomada do campo como espaço de moradia, lazer e

atividades que ultrapassam o setor primário da economia. Como aponta Veiga (2006), os vetores dessa nascente ruralidade estariam vinculados a condições suscitadas pela proposta de desenvolvimento sustentável, abrangendo os recursos naturais em suas potencialidades econômicas no que se refere à biodiversidade, ao turismo rural e às novas matrizes energéticas. Esse cenário não prescinde, todavia, dos problemas anteriormente atrelados às cidades, uma vez que o acesso a bens de consumo não mais é uma exclusividade dos grandes centros, o que incide sobre o arranjo das desigualdades sociais e econômicas, refletindo-se, a exemplo, na manifestação de novas práticas de violência e criminalidade nos espaços rurais.

Esse breve itinerário histórico das trajetórias percorridas pelos sujeitos inseridos no êxodo rural, pelos “novos rurais” e por outros migrantes, além da mobilidade espacial, permite vislumbrar a potência simbólica das narrativas atreladas a esse percurso, reforçando que “a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamento e decisões” (WILLIAMS, 2011, p. 21). Com base nessas considerações, assume-se como objetivo deste trabalho analisar as narrativas de migrantes rurais da Zona da Mata de Minas Gerais, atentando-se para as alterações e permanências nos conteúdos narrados, a partir de um enfoque na temporalidade. O estudo é parte do projeto de pesquisa “Lugares de saída, lugares de chegada: caminhos e reconfigurações simbólicas da mobilidade socioespacial entre jovens rurais da Zona da Mata Mineira”¹.

A mesorregião da Zona da Mata subdivide-se em sete microrregiões, entre elas a de Viçosa, composta por 20 municípios. Com economia de base inicialmente agropecuária, a mesorregião é identificada, desde o século XX, como “tipicamente de emigração” (PAIVA; TOMA, 2005, p. 214). Nas décadas de 1960 e 1970, a Zona da Mata assistiu ao deslocamento de um grande contingente populacional em direção aos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. A dinâmica populacional mostra que, embora tenha se caracterizado como “tipicamente expulsora até 1980”, a região teve reduzida sua movimentação populacional entre os anos 1990 e 2000, observando-se o envelhecimento populacional (PAIVA; TOMA, 2005, p. 228) e a migração de retorno (BRITO, 2000). Entre as idas e vindas, as narrativas sobre os que chegam e os que partem são “temas moral e socialmente muito significativos” no cotidiano dos habitantes dos espaços rurais da mesorregião (COMERFORD, 2014, p. 119), o que reforça o objetivo aqui proposto.

¹ Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

Tendo como eixo teórico os estudos da memória, entendida na conjugação que promove entre “a ausência da coisa lembrada e sua presença na forma de representação”, como pondera Ricoeur (2007, p. 72), salienta-se a potência das representações construídas pelos migrantes a partir de suas vivências e experiências nas pesquisas sobre migrações (LUCENA, 1999). Os testemunhos constituem, portanto, o suporte empírico na busca por articular os lugares de mobilidade às lembranças visadas pelo ângulo memorial. Dessa maneira, entende-se que campo e cidade se manifestam como lugares de memória em termos materiais, simbólicos e funcionais (NORA, 1993), o que permite tratar das recordações sobre os trânsitos migratórios em relação às temporalidades da partida, da chegada e do retorno, com ancoragem nesses espaços e no tempo presente da lembrança.

Compreendida em sua condição de potência sujeita às instabilidades do decorrer temporal, ao esquecimento e às influências do imaginário, a memória não é um reflexo reconstituído do passado, “mas ato produtivo de uma nova percepção”, nomeado por Assmann (2011, p. 117) como recordação. Trata-se de uma recomposição pretérita pelo acionamento de sentimentos presentes e a projeção de perspectivas futuras. No panorama testemunhal, associa-se ao recordar a intersecção ente as lembranças individuais e as coletivas, destacando-se o papel dos sociotransmissores como balizadores da memória de um grupo e intermediadores dos conteúdos transmitidos entre as gerações (CANDAU, 2005). Pode-se dizer que esses sociotransmissores, ao recorrerem à “experiência que passa de pessoa a pessoa”, assumem o papel de narradores na perspectiva benjaminiana (BENJAMIN, 2000, p. 198).

Candau (2005, p. 139) acrescenta que a memorização envolve um “esforço de ajustamento do passado às representações do tempo presente”, o que avança no sentido dos processos de seleção, enquadramentos e conflitos atrelados às recordações que são compartilhadas nas esferas públicas e privadas. A isso se somam os meios e as práticas de transmissão da memória, que incidem diretamente na conformação do que é lembrado individual e coletivamente. Apreendendo a memória como produção em interação de sujeitos em diálogo visualiza-se, portanto, seu potencial dinâmico em distintas temporalidades, além de sua coexistência com o esquecimento. Dessa maneira, o que é recordado assume conotações éticas, estéticas, históricas, sociais e culturais no que concerne a grupos identitários, núcleos familiares e demais estratos de organização da vida social, o que é tomado como aporte para a observação dos relatos dos migrantes rurais que constituem o *corpus* desta pesquisa.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, com abordagem quali-quantitativa (LAKATOS e MARCONI, 2003), desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico e pesquisa de campo realizada nas áreas rurais de nove municípios da Zona da Mata Mineira (Imagem 1), todos pertencentes à microrregião de Viçosa. A coleta de dados se deu em duas etapas. Na primeira, foram aplicados 76 questionários entre os meses de abril e setembro de 2017, com intuito de caracterizar os fluxos migratórios na perspectiva dos participantes. Os questionários eram compostos por 26 perguntas, sendo 9 de múltipla escolha e 17 dissertativas de resposta curta. A seleção dos participantes teve como único critério a autoidentificação como rurais. Nesta etapa, os primeiros questionários foram aplicados a informantes pré-identificados que indicavam novos participantes (“bola de neve”) (APPOLINÁRIO, 2006).

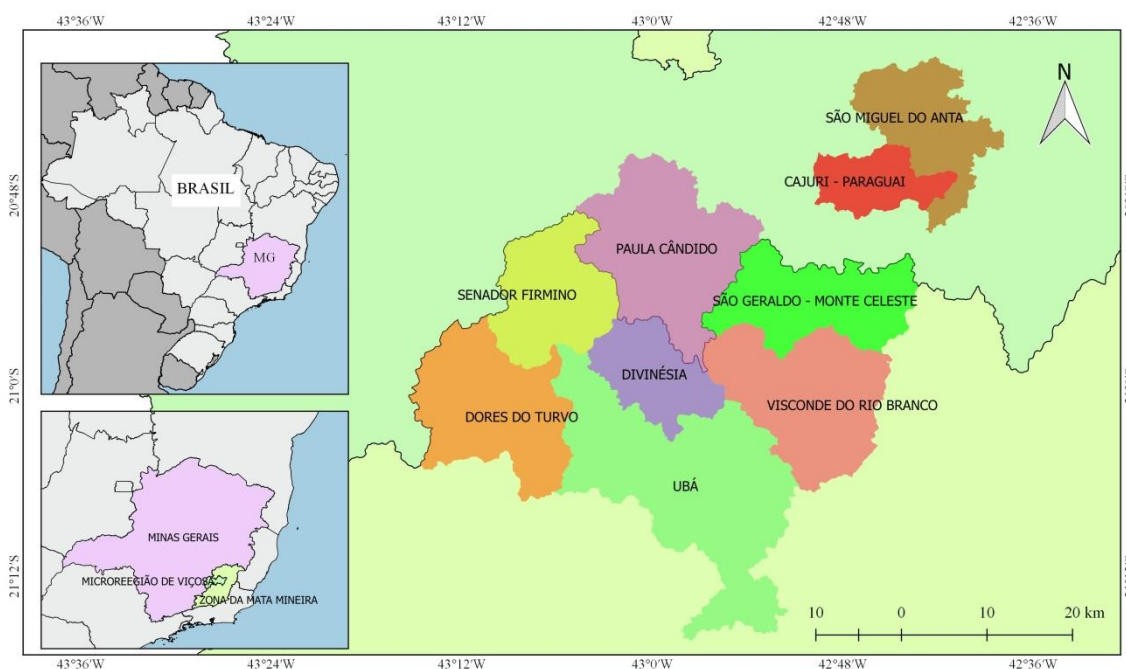
Na segunda, foram gravadas entrevistas, no período de abril a agosto de 2018, buscando aprofundamento nos aspectos valorativos envolvidos nas migrações familiares. Para a realização das entrevistas, os pesquisadores se deslocaram para as comunidades rurais da microrregião de Viçosa e abordaram os possíveis entrevistados nas proximidades de suas propriedades e nas praças das comunidades rurais, convidando-os a participarem da pesquisa. Do total de pessoas contatadas, 12 se dispuseram a contribuir com o estudo, às quais foram direcionados os seguintes questionamentos: “Você migrou para outras regiões do país? Qual o motivo? Você teve dificuldades de adaptação? Por que voltou? O que você percebe que mudou em relação à época em que você migrou e à época em que voltou?” O tempo médio de duração das entrevistas foi de 12 minutos, em conformidade com a disponibilidade dos sujeitos da pesquisa. Entre os entrevistados, 11 são homens, com idades entre 38 e 65 anos, residentes nos municípios de Cajuri, São Geraldo, São Miguel do Anta e Paula Cândido (Imagem 1) e 1 é mulher, com 56 anos, residente em São Geraldo².

Para a análise aqui proposta, foram consideradas as 12 entrevistas gravadas e transcritas, visando ao objetivo de examinar as narrativas memoriais dos migrantes. Considerando-se as aproximações nos conteúdos narrados, buscou-se descrevê-los interpretativamente, com intercalações teóricas e trechos representativos das falas dos entrevistados. Partindo-se das

² Ressalta-se que a prevalência de entrevistados homens está relacionada, empiricamente, à dificuldade de obter a concessão de entrevistas de mulheres durante a pesquisa de campo, o que se supõe como consequência do fato de o grupo de entrevistadores ser composto por três homens desconhecidos nas localidades. Tendo em vista, no entanto, a maioria quantitativa de homens migrantes de Minas Gerais, retornados e não retornados, entre as décadas de 1980 e 2000 (GARCIA; RIBEIRO, 2005), considera-se a amostra representativa.

indagações sobre o que é lembrado e como é lembrado, os conteúdos relatados foram ordenados em perspectiva temporal, reconhecendo-se as oscilações pertinentes à condição dinâmica que é própria da memória. Dessa forma, o tópico que se estrutura como “partida” corresponde às recordações referentes à emigração, a “chegada” refere-se às memórias ancoradas no destino de imigração e o “retorno” diz respeito às lembranças que têm como marco o regresso à terra natal, em confluência com o presente do narrador.

Imagem 1: Municípios abrangidos pela pesquisa de campo.



Fonte: elaborada pelos autores com o software QGIS.

No que se refere às questões éticas, o projeto foi submetido à apreciação e recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, conforme recomendações da Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado a todos os participantes, os quais autorizaram, além da gravação das entrevistas, a divulgação dos resultados obtidos a partir dos dados coletados.

Resultados e discussão

As trajetórias migratórias narradas pelos entrevistados permitem observar que nos deslocamentos no eixo direcional rural-urbano esses espaços são, ao mesmo tempo, lugares de saída e lugares de chegada nos fluxos de idas e retornos, suscitando memórias individuais próximas no que se refere às representações temporalmente ambientadas. Tendo em vista que a maioria dos sujeitos da pesquisa encontra-se na faixa etária entre 55 e 65 anos, as proximidades notadas sustentam-se no pertencimento à mesma microrregião geográfica, na origem rural, nos destinos e épocas semelhantes, bem como nas motivações prioritárias da migração. Nesse sentido, os resultados permitem delimitar três marcos iniciais das lembranças contadas, os quais balizam o ordenamento subsequente: a partida, a chegada e o retorno.

Partida: a memória das expectativas

As histórias que retomam o tempo de partir caracterizam-se pela predominância de temas relacionados ao trabalho e às condições precárias de vida no campo. Nota-se a prevalência do deslocamento rural-urbano em perspectiva interestadual, tendo como destino principal a cidade de São Paulo, no intervalo da segunda metade do século XX. Depreende-se pelos relatos que a mudança para a “cidade grande” orienta-se pelo princípio da melhoria de vida (DURHAM, 1984), o que se conjuga à percepção do rural “como lugar das ausências”, conforme ressaltado por Silva (2009, p. 49). Na época, São Paulo era representado com um sul simbólico valorizado positivamente, embora fizesse parte da mesma região que Minas Gerais, o Sudeste (BRITO, 2000).

Essa memória das expectativas tem como enfoque a justificativa do deslocar-se, situando-se num contexto das carências de infraestrutura e oportunidades. A cidade grande, em consonância com o estudo de Lucena (1999, p. 43) sobre os moradores de Barbacena que se mudaram para São Paulo na mesma época, “é vista como o lugar onde encontrariam soluções para os problemas de trabalho, educação e saúde, onde teriam uma vida fácil, moderna, com mais conforto”. Como núcleo motivacional, a centralidade do trabalho é evidente em todas as falas, realçando a exaustão física e a baixa ou nenhuma remuneração das atividades na lavoura em contraponto à promessa de encontrar um emprego e um salário regular nas cidades. Como ilustra a descrição do Entrevistado 4 (homem, 62 anos), “naquela época não tinha emprego por aqui, tinha que sair, tinha tio e pai, naquele tempo tinha que trabalhar desde a hora que nasce. [...] era trabalhar ou apanhar”.

A infância de pobreza e dificuldades confirma a visão do rural como “*espaço da precariedade social*” (SILVA, 2009, p. 49, grifos no original), o que conecta a política de urbanização incentivada nas décadas anteriores à partida dos entrevistados. Apesar das dificuldades, surgem também recordações nostálgicas sobre “aquele tempo”: se por um lado o trabalho agrícola era árduo, por outro a fartura das lavouras e a variedade de produtos plantados é recordada com afeição, assim como os brinquedos confeccionados como alternativa a uma infância representada por múltiplas carências, a exemplo das bolas feitas de meia e das pernas de pau.

Nesse sentido, a memória dos tempos de partida sedimenta-se na busca pelo acesso aos benefícios associados ao urbano – o que retoma lembranças de sofrimento relacionadas às condições de vida rurais – e também se ampara no que se plantava e no que se fazia no campo – o que se ancora em um saudosismo que suaviza e dá suporte ao retorno à terra natal. Tal retorno estava no planejamento do projeto de vida dos imigrantes, embora o tempo de permanência no local de destino ainda fosse indefinido. Se no passado “não existia esse negócio de hospital não, era pobre e então não tinha esse negócio de médico” (ENTREVISTADO 4, homem, 62 anos), também se “plantava aqueles fumos de rolo, fazia rapadura, aquele sabão preto” (ENTREVISTADO 7, homem, 58 anos). A construção dessa avaliação não é possível no momento da partida, mas produto da memória que, no tempo presente, permite comparar perdas e ganhos em diferentes processos e temporalidades do passado.

Chegada: a memória da nova realidade

As recordações da chegada são fundamentadas na concretização da melhoria material visada, ainda que se mantenham as condições físicas intensas do trabalho e os custos de vida sejam maiores: “lá em cidade grande é assim: ganha fácil, mas pra sair é que nem água” (ENTREVISTADO 6, homem, 59 anos). Esta temporalidade da memória também retoma os problemas associados ao urbano, a exemplo dos assaltos e da violência, bem como as dificuldades infraestruturais iniciais, tendo em vista que a maior parte dos migrantes rurais se instalou na periferia ou na região metropolitana dos grandes centros, num cenário de urbanização acelerada e sem planejamento. Como argumenta Martins,

As favelas e cortiços desta nossa América Latina, e de outras partes, constituem enclaves rurais no mundo urbano, transições intransitivas, desumanos modos de sobreviver mais do que de viver. O mundo rural está também aí, como resíduo, como resto da modernização forçada e forçadamente acelerada, que introduziu na vida das populações do campo um ritmo de transformação social

e econômica gerador de problemas sociais que o próprio sistema em seu conjunto não tem como remediar (MARTINS, 2001, p. 33).

No ínterim que se inicia com o afastamento físico do campo, emerge e reforça-se o saudosismo e a busca pela manutenção de hábitos que retomem a experiência rural, sintetizados fundamentalmente nas imagens alimentares: cachaça, torresmo, frango com quiabo e a “comida mineira” de forma geral. De acordo com Ricoeur (2007, p. 43), o hábito corresponde à incorporação de uma experiência anterior “à vivência presente, não marcada, não declarada como passado”. Os hábitos alimentares apresentam-se, portanto, sob a forma de um rural simbólico e desterritorializado que persiste no tempo presente, com ele movendo-se, ainda que dificuldades como a “vida corrida” na capital se interponham nesse trânsito. Nesse ponto, é significativa a imagem do fogão a lenha, cuja representatividade, em termos de imaginário rural, é recorrente em outros estudos (SILVA, 2009). “Quando estava lá em São Paulo, sentia falta da comida, a comida feita no fogão a lenha é outra coisa”, declara o Entrevistado 8 (homem, 51 anos).

Dentre as práticas de experimentação do rural na metrópole, a música também assume sua relevância: “para matar a saudade, eu ia nos forró de lá”, recupera o Entrevistado 6 (homem, 59 anos). De forma mais proeminente, contudo, a preservação dos vínculos familiares é característica desta temporalidade, permitindo visualizar os meios de transmissão da memória e as lealdades aos valores repassados entre as gerações de famílias rurais em circunstâncias internas e externas, estas sujeitas à permeabilidade cultural, conforme expõe Bacal (2013).

Em relação aos meios para a manutenção dos vínculos afetivos e comunicacionais com as famílias que permaneceram no espaço rural, as cartas são dominantes, seja pelas características tecnológicas da época ou pelos recursos financeiros disponíveis, opondo-se às fotografias e ao telegrama: “era apenas por carta, mandava foto não, naquela época não tinha nada não e nem tinha dinheiro pra isso” (ENTREVISTADO 4, homem, 62 anos); “telefone de pobre antigamente era carta, nem telegrama podia mandar, o dinheiro não dava” (ENTREVISTADO 6, homem, 59 anos). Com base na descrição dos entrevistados, depreende-se que o acesso aos meios de se comunicar com os familiares, condicionado às limitações financeiras, está ligado a uma ruptura com as expectativas de trabalho que mobilizaram a migração: se por um lado reconhecem uma melhoria de vida, por outro relembram que, à semelhança do que ocorria na terra de origem, trabalharam “que nem um burro” (ENTREVISTADO 4, homem, 62 anos).

O norteamento assumido pelo trabalho, além de motivar a partida, expressa-se moralmente na chegada, realçando uma ética familiar de lealdade ao princípio da honestidade, o

que pode ser visto como marca cultural dos núcleos familiares rurais, ilustrada no relato do Entrevistado 5 (homem, 58 anos): “quando nós foi pra lá, nós não roubou porque meu pai não ensinou, porque vontade nós tinha, passemos vida de cachorro lá fora e voltemos sem dinheiro ainda”. Interligando-se a representatividade da família rural na formação brasileira (FREYRE, 2003) à tessitura de lealdades invisíveis entre as gerações (BACAL, 2013), confirma-se pelas narrativas analisadas que o trabalho honesto se configura como um valor estrutural do núcleo familiar rural. E é nesse ponto que os sociotransmissores (CANDAU, 2005), com destaque à figura paterna, sobressaem-se nos discursos. Observa-se, com base em Benjamin (2000), que os narradores familiares conjugam as experiências vividas às ouvidas, incorporando-as aos relatos que se propagam no seio familiar.

Como mostra a pesquisa de Sarti (2011, p. 85) em bairros periféricos de São Paulo, formados em sua maioria por descendentes de migrantes rurais que se deslocaram para a metrópole movidos pelo projeto de melhoria de vida, a noção de família se constitui “em torno de um eixo moral”. A partir das significações dos laços sanguíneos, de respeito e de confiança, os projetos familiares são traçados em épocas distintas, constituindo um universo simbólico expressivo, uma “linguagem” (SARTI, 2011, p. 86) de referência que perpassa o cotidiano e, no caso deste estudo, a memória dos entrevistados. É nesse horizonte imaterial que tem a família rural como orientação que o trabalho se inscreve como princípio moral de dignidade, permeando a memória roteirizada pelos migrantes.

Retorno: a memória da ressignificação

No circuito temporal tracejado a partir do percurso narrado pelos migrantes, o retorno à região de origem se pauta na imbricação entre os vínculos sensíveis com o pretérito da partida e a insustentabilidade da vida urbana após o cumprimento do objetivo laboral, que hoje se traduz na aposentadoria. No encontro entre a memória da partida e a realidade do retorno, porém, as diferenças são patentes, especialmente em termos de violência e da acessibilidade tecnológica, o que possibilita entrever este momento como uma ressignificação do campo.

Reconhecendo-se que o intervalo de tempo anterior aponta para a saudade da cultura, da família e da comida e para a tranquilidade de inspiração arcádica que mobiliza o “fugir da cidade” em busca de um “lugar ameno”, pode-se enquadrar a memória dos entrevistados, a princípio, numa estrutura de sentimento bucólica (WILLIAMS, 2011). “Eu sentia muita falta daqui dos colegas, da liberdade que eu tinha aqui”, conta o Entrevistado 6 (homem, 59 anos). “Não quis

ficar lá porque a vida aqui dentro de Minas Gerais é muito mais tranquila do que lá, porque para dar continuidade na vida lá, tinha que viver pelo menos assim, roubar banco ou ser traficante”, completa o Entrevistado 10 (homem, 38 anos).

Regressar à terra natal é, por esse caminho, uma idealização da lembrança. Nesse ponto, a memória potência, enraizada em um “local de geração”, estabelece uma “ligação fixa e duradoura com histórias de família” (ASSMANN, 2011, p. 320). Esses lugares que “nascem e vivem do sentimento”, como argumenta Nora (1993), estão atrelados ao “ato de habitar” de que trata Ricoeur (2007, p. 59). Nas palavras do autor, “os lugares habitados são, por excelência, memoráveis. Por estar a lembrança tão ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los” (idem). Logo, o deslocar-se por lugares conjuga recordações sensíveis a experiências vividas, as quais são nítidas no itinerário campo-cidade.

Se a vida difícil do campo motiva a primeira migração dos entrevistados, que também se deparam com outras adversidades nas cidades, a imagem de sossego ancorada no rural como lugar de memória geracional emerge como conforto e garantia da manutenção dos anseios futuros, nutrindo a expectativa da volta. Nesse fluxo, todavia, nota-se o conflito entre o passado memorizado e o presente vivenciado, representado por meio da violência, das drogas, dos roubos, da escassez de recursos naturais e da mecanização do trabalho, como demonstra o Entrevistado 6 (homem, 59 anos): “Hoje em dia está melhor viver na cidade, os ladrões estão saindo da cidade e indo para a roça. Antigamente podia dormir sossegado”. Essas impressões que ressignificam e contestam o campo idílico acionam, na memória dos sujeitos da pesquisa, laços invisíveis ancorados na família:

Hoje a máquina tomou a maioria do emprego rural, papai já falava isso, ele não sabia nem ler nem escrever, dizia tudo. Ele dizia que o mundo seria tomado pela droga, o filho não ia respeitar as mãe e hoje está tudo como ele falou. Falou que essa água nossa ia acabar, que eu e meus filho podia não ter mais (ENTREVISTADO 4, homem, 62 anos).

Para alguns, no entanto, a vida no campo ainda “é um céu” (ENTREVISTADO 10, homem, 38 anos) quando comparada à das cidades. É também a expressão de uma identidade caipira, fortemente arraigada à origem e ao “ser rural”, o que reforça a posição medular da família: quanto mais dela se distanciam, mais é favorecida a busca por meios de comunicação. Materializada a princípio pela escrita das cartas, essa memória agora se defronta com as facilidades possibilitadas pelas novas tecnologias, com destaque ao celular, que se interpõe nas práticas comunicativas.

Apesar da instantaneidade e fluidez das trocas comunicacionais contemporâneas, os relatos orais do passado permanecem, enfatizando a transmissão da memória pelos dispositivos culturais do núcleo familiar. Como “forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 2000, p. 205), a narrativa assume uma função moral em termos de reminiscência intergeracional. Ao “contar minhas histórias lá de São Paulo para meus parentes” (ENTREVISTADO 1, homem, 65 anos), busca-se atualizar no tempo presente “os sufoco que passei lá [...] porque hoje ele [o filho] vive na mordomia” (ENTREVISTADO 7, homem, 58 anos). Ou seja, entre o “sufoco” e a “mordomia”, há um tempo social do desenvolvimento tecnológico entrecruzando as trajetórias familiares: o tempo longo da circulação das cartas e a temporalidade instantânea possibilitada pelas novas tecnologias de comunicação que contribuem, inclusive, pela supressão da noção de espaço-tempo na contemporaneidade.

Considerando-se que as narrativas se configuram conforme as possibilidades suscitadas pelas circunstâncias atuais, as temporalidades da recordação se entrelaçam em consonância com as lembranças evocadas, no sentido de uma “afecção” que desponta sem a intencionalidade da busca, como pondera Ricoeur (2007, p. 45). Resultando da interação entre o corpo e os lugares habitados, a reflexividade que se perpetua como marca da interioridade da memória (RICOEUR, 2007) é aparente nas narrativas do vivido e do sentido. Dessa forma, a vida no campo é rememorada de formas que variam interna e externamente aos sujeitos, pois a consciência que ela ativa oscila em concordância com a interioridade dos que lembram e com a estrutura de sentimento (WILLIAMS, 2011) que atravessa o tempo do lembrar. É nesse roteiro que os sociotransmissores familiares ocupam um papel intermediário entre o individual e o coletivo, entre o experimentado, o narrado e o imaginado.

Considerações finais

O ordenamento temporal das recordações dos migrantes rurais da Zona da Mata Mineira permite entrever, de início, as alterações materiais no meio rural brasileiro no decorrer do processo de urbanização empreendido a partir da década de 1930. Nesse contexto, parte-se do êxodo rural pretérito, movido pela busca por trabalho, e encerra-se com o retorno ao campo, defrontado com o acesso a tecnologias de comunicação e a condições infraestruturais outrora ausentes, as quais coexistem com as novas configurações da violência, da natureza e das relações de trabalho nesse espaço.

Pelas narrativas analisadas, confirma-se que a busca pela melhoria de vida pautada no trabalho se apresenta como motivação fundamental da partida dos migrantes, traduzindo a moralidade familiar de uma determinada época. Dessa forma, pode-se inferir que família e trabalho são os principais demarcadores temporais no processo de narrativização da memória dos que migraram. A família, em especial, tem nos sociotransmissores migrantes seus referenciais memoriais, o que aponta para a importância das histórias contadas na perpetuação das lealdades ao longo das gerações.

Depreende-se que, no processo de narrar, a linearidade do tempo de organização das lembranças pode ser confrontada com o tempo da narrativa, que é o presente. Nesse sentido, vislumbra-se a dimensão da memória em potência, que fomenta uma representação do passado ausente e de ausências em uma atualidade que resulta do cruzamento entre o campo idealizado durante a vida na cidade e aquele experimentado agora. Isso é evidente quando se trata da realidade da chegada e da resignificação do retorno.

Algo em comum entre a memória dos que migram parece ser, por fim, a força imanente das imagens que se constroem no entorno de determinados lugares, as quais colocam em movimento sensações que perduram como rastros nas recordações sujeitas às vicissitudes do tempo. E o campo e a cidade, como lugares e também como imagens, à medida que são visados como partida ou como destino, podem servir ao propósito mais amplo de refúgio diante dos muitos passados e presentes de insatisfações.

Referências bibliográficas:

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da Ciência: Filosofia e Prática da Pesquisa**. Ed. Pioneira Thomson Learning, 2006.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas de transformação da memória cultural**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BACAL, Maria Elisa Almeida. **Lealdades visíveis e invisíveis: um estudo sobre a transmissão geracional da profissão na família**. 2013. 200 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912471_2012_completo.pdf. Acesso em: 8 maio 2019.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: _____. **Magia a Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000, p. 197-221.

BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**. Caxambu, 2000, p. 1-44.

Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/981/946>. Acesso em 19 nov. 2019.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

COMERFORD, John. Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v. 57, n° 2, p. 107-142, 2014. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/89110/pdf_26. Acesso em: 26 maio 2019.

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

FAVARETO, Arilson da Silva. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão: do agrário ao territorial**. 2006. 221 p. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-24042008-113514/pt-br.php>. Acesso em: 8 maio 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª edição. São Paulo: Global, 2003.

GARCIA, Ricardo Alexandrino; RIBEIRO, Adriana de Miranda. Movimentos migratórios em Minas Gerais: efeitos diretos e indiretos da migração de retorno – 1970-1980, 1981-1991 e 1990-2000. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v. 22, n° 1, p. 159-175, jan./jun. 2005. Disponível em: https://rebep.org.br/revista/article/view/262/pdf_243. Acesso em 19 nov. 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sinopse do censo demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>. Acesso em: 6 maio 2019.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2003.

MARTINS, José de Souza. O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. In.: **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 15, n° 43, p. 31-36, set./dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a04.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 9 maio 2019.

PAIVA, Maria Cristina S. de; TOMA, Paulo S. A dinâmica populacional da Zona da Mata mineira no período de 1960 a 1990. **Revista Científica da Faminas**. Muriaé, v. 1, n° 2, p. 213-233, maio/ago. de 2005. Disponível em:

<https://unifaminas.s3.amazonaws.com/upload/downloads/200910151703152427.pdf>. Acesso em: 26 maio 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Gislene. **O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos**. Florianópolis: Insular, 2009.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. 2ª edição. Campinas: Autores Associados, 2003.

VEIGA, José Eli da. Nascimento de outra ruralidade. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 20, nº 57, p. 333-353, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a23v2057.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel; FAVARETO, Arilson. **A singularidade do rural brasileiro: implicações para tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas**. Brasília: 2013.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.